

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
28 DE MAIO DE 2022
DOUBLE BILL

DECODER / 1984

Um Filme de Muscha

Realização: Muscha / Argumento: Klaus Maeck, Muscha, Volker Schäfer, Trini Trimpop, ideia baseada em *The Electronic Revolution* de William S. Burroughs / Direcção de Fotografia: Johanna Heer / Montagem: Jonathan Braun, Klaus Maeck, Muscha, Volker Schäfer, Eva-Maria Will / Figurinos: Julia Strauss / Som: Werner Schmiedel / Música: Dave Ball, Genesis P-Orridge, The The, F.M. Einheit, John Caffery, Einstürzende Neubauten / Interpretação: FM Einheit (F.M.), William Rice (Jäger), Christiane Felscherinow (Christiana), Matthias Fuchs (H-Burger Manager), William S. Burroughs (Old Man), Genesis P-Orridge (High Priest)

Produção: Fett Film / Produtores: Klaus Maeck, Muscha, Volker Schaefer, Trini Trimpop / Cópia: dcp, cores, v.original com legendas eletrónicas em português, 88 minutos / Estreia Mundial: Alemanha Ocidental, 19 de Fevereiro de 1984 / Primeira Exibição na Cinemateca

DECODER, é apresentado em "double bill" com **TETSUO**, de Shin'ya Tsukamoto ("folha" distribuída em separado).

Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 15 minutos.

Realizado por Muscha, e escrito em conjunto entre Muscha, Maeck, Volker Schaefer e Trini Trimpop, figuras maioritariamente desconhecidas no mundo do cinema, mas importantes no meio artístico e político do *underground* industrial alemão dos finais dos anos 70 e inícios de 80, DECODER não se define apenas como um filme ficção-científica e um *cyberpunk*, mas também um filme coletivo e uma manifestação e dramatização visual e sonora das filosofias estéticas e políticas de uma geração vanguardista de artistas e músicos experimentais cujo insurrecionismo das suas práticas estava diretamente relacionada com a subversão da informação e da comunicação numa época de desilusão capitalista e em que o acesso e o controlo da informação se tornavam cada vez mais um instrumento de poder. DECODER é, por isso, também, um filme sobre as sociedades do controlo, representando principalmente a interpenetração entre política, tecnologia e a música, através de uma narrativa em que o protagonista, interpretado por FM Einheit, descobre como fomentar uma revolução anárquica num mundo em que a principal fonte de controlo populacional é a *muzak*, ou a aqui chamada "musica de elevador", usada numa cadeia de hamburguerias denominada de H-Burger ("H" indica heroína, enquanto que "bürger" em alemão significa também "cidadão").

Dominado pelas intensidades de um ritmo marcado entre a montagem e a música, este filme deve os seus processos cinematográficos às teorias que William S. Burroughs desenvolveu nos anos 70, nomeadamente no livro *The Electronic Revolution* (1970), sobre a tecnologia entre o controlo e a revolução. O trabalho de ficção e não-ficção de Burroughs. Os pensamentos do autor, tão políticos como delirantes, sobre *os cut-ups*, método que desenvolveu com Bryon Gysin, que consiste em recortar palavras escritas e faladas e reorganizá-las, assim como sobre as potencialidades das gravações de voz foram apropriados e aplicados pela música industrial, que explorou nos seus projetos iniciais métodos como *loops*, *cut-ups*, *samples* e sons gravados de ambiente industriais.

DECODER é, também, uma aplicação cinematográfica dos métodos *cut-up* que toma os dispositivos visuais e sonoros de acordo com a noção revolucionária de Burroughs, descontextualizando-os e expropriando-os das suas funções. A sua estrutura é fragmentária e recortada, ao nível da música, (composta por algumas das mais importantes figuras e projectos dos primórdios do Industrial, como Genesis P-Orridge, Einstürzende Neubauten, The The e o lado *Pop* dos Soft Cell), mas também da montagem, onde a narrativa é constantemente "invadida" e secundarizada por imagens de *found footage* e por explorações imagéticas e sonoras. Se relação entre a música e a imagem pode muitas vezes parecer adotar uma estética de *videoclip*, funciona ao mesmo tempo como uma forma de multiplicação dos olhares, e ao mesmo tempo de descontextualização, e singularização em que música, imagem e história se tornam presenças ao mesmo tempo independentes e em simbiose. Burroughs chega a ter uma breve, mas importante presença no filme, como vendedor de tecnologias usadas na sequência do sonho que inicia FM no uso mágico da sua música. Realizada em Londres, esta sequência foi também filmada clandestinamente por Derek Jarman, e está integrada na sua curta-metragem PIRATE TAPES (1982).

DECODER constrói-se também numa série de dualidades temáticas e visuais que se interpenetram ao longo do filme, sendo que a mais estrutural se estrutura na oposição interpenetrada entre a tecnologia como forma de controlo e uma ideia de magia que toma presença a nível do simbolismo narrativo, assim como nos processos cinematográficos do filme. Esta dualidade é sem dúvida representada por Burroughs, e divide, num lado a prática de FM Einheit enquanto aprendiz de uma magia tecnológica, e do outro Christiane F e dos seus sapos, enquanto encarnação de uma magia primitiva, dois lados unidos nos sonhos de FM, em que Christiane F. A união entre os dois realiza-se nos sonhos de FM, em que ouvimos Christiane F. recitar parte do discurso das bruxas de *Macbeth*, nas planícies apocalípticas, em que segue a figura a figura de Burroughs ao som das suas gravações, e sintetiza-se nos processos cinematográficos e nas trocas e metamorfoses incitadas pela manipulação dos sons e das imagens enquanto prática de transformação caótica da realidade.

Apesar da sua essência iconoclasta, são também relevantes os elementos simbólicos, presente principalmente no lado visual e na iluminação que separa as personagens e os estados de espírito de acordo com cores néon. A cinematografia de Johanna Heer, que foi também directora de fotografia em SUBWAY RIDERS (1981), de Amos Poe, marca uma próxima ligação ao cinema *No Wave* de Nova York. Em SUBWAY RIDERS participou também Bill Rice, que talvez tenha feito em DECODER o seu melhor papel, enquanto *hit-man* da *Muzak Corporation* cansado e atrofiado, que gosta de ver filmes antigos nas imagens de vigilância.

Se DECODER não se segue pelas mesmas condições que o *No Wave*, visto que a valorização europeia da arte enquanto património cultural permitiu alguns fundos para a realização do filme, pode denotar-se o mesmo niilismo quando ao *mainstream* e a mesma visão do capitalismo enquanto dispositivo de controlo, neste caso motivados pela desilusão provocada pela conjunção Thatcher-Reagan. As imagens dos motins em DECODER foram, inclusivamente, filmados para filme durante as manifestações anti-Reagan que aconteceram aquando da sua visita à Alemanha em Junho de 1982, expandindo importância do filme enquanto testemunho de uma época, mas mais do que isso, de uma prática artística que leva a estética à política e aos modos de via. Neste sentido DECODER é mais "punk" que "cyber", na medida da sua produção e da insurreição dos seus meios, mantendo um vivo espírito de contracultura tanto na sua narrativa como na sua exploração e produção visual.

Manuel João Montenegro